

# Um Sermão sobre Hebreus 13:8

Gerhardus Vos

Tradução: Danilo José Pasquini de Paule

*“Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.”*

Estas palavras da epístola estão diretamente ligadas ao que imediatamente as precede. Embora não haja nenhuma partícula de conexão, pode existir apenas pouca, ou nenhuma dúvida, de que o autor deseja demonstrar a razão para a exortação que ele há pouco havia dirigido aos leitores:

“Lembrai-vos daqueles que vos lideraram, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver”.

A exortação não deve ser entendida nesse sentido – de que os hebreus deveriam imitar seus antigos mestres aderindo à sua mesma fé – pela razão de que a doutrina cristã é, por todos os tempos, inalterável.

Naquele caso, o termo “Jesus Cristo” estaria representando o conteúdo do próprio Cristianismo, no sentido de doutrina a respeito de Cristo. Certamente, é muito mais natural a utilização do termo “Jesus Cristo” em seu sentido pessoal, o qual já havia ocorrido em outros pontos da epístola, e encontrar aqui, apropriadamente, a afirmação da imutabilidade, tanto do caráter, quanto da vida do Salvador.

Assim, a questão que se coloca, é qual a relação existente entre esta imutabilidade pessoal de Jesus Cristo e o dever do leitor de imitar a fé de seus antigos mestres, considerando sua maneira de viver.

Uma vez que esta relação não é aparente, alguns têm pensado ser necessária uma releitura dos versículos cinco e seis, possibilitando uma conexão com aquilo que o autor cita do Antigo Testamento: “Porque Ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmamos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei. Que me poderá fazer o homem?” Desta forma, este versículo adicionaria mais uma razão ao que foi dito: Nós podemos confiar que o Senhor não nos deixará ou abandonará; podemos considerá-lo nosso auxílio, não precisamos temer, uma vez que Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje, e o será para sempre.

## Acerca da Vida

Mas isto também é menos plausível. Quando olhamos claramente as palavras imediatamente precedentes, percebemos que a conexão, conquanto não aparente a princípio, possui, não obstante, um caráter convincente.

O autor vinha falando, não meramente de maneira genérica a respeito da vida e da fé de seus antigos líderes, mas particularmente a respeito de suas vidas. E isto, não no sentido dos efeitos que aquelas vidas causariam a si mesmo em seu estado futuro, ou para outros em nosso estado presente; se refere à maneira que aquelas vidas atingiram o seu fim, a maneira a qual, na hora de sua morte, elas exibiram e triunfantemente mantiveram sua fé.

É muito provável que o fim da vida, nesta situação, refira-se ao fim do martírio. Os mestres, que pregaram a eles as palavras de Deus, selaram e coroaram sua profissão de fé em Jesus Cristo com o testemunho de seu sangue. Neste ponto, o autor trata o martírio não apenas como uma mera exibição de fé, mas como o ideal da carreira cristã.

As palavras utilizadas no original provam que o assunto da vida não se trata do término da vida biológica, mas do clímax da vida espiritual. Não se fala aqui do *telos tes zoes*, mas sim do *ekbasis ten anastrophes*. Este é a razão porque uma consideração a respeito do clímax da vida dos mestres no martírio pode apoiar, perante os leitores, a idéia de um modelo que poderá modelar a fé destes.

O que o autor quer dizer, imagino, é simplesmente isto: Contemplem o martírio daqueles a quem vocês testemunharam, o qual, é o cume daquilo que a fé pode alcançar; então, mantenham sua fé desta forma; desenvolvam sua caminhada desta maneira também, e quando a necessidade chegar, não será algo tão grande e difícil descansar suas vidas na causa de Cristo, mas algo natural, conseqüência de toda uma prévia conversação cristã, previamente inspirada pelo pensamento de abnegação, sofrimento e renúncia voluntária.

## O Caráter Heróico da Fé

Há de maneira geral um esforço heróico nesta concepção de fé, da maneira que o autor a coloca, especialmente no capítulo onze da epístola. Neste ponto, o martírio também aparece como uma exibição suprema do espírito da fé. A totalidade do catálogo dos grandes exemplos de fé adentra na descrição daqueles que foram torturados, e que não aceitariam o seu livramento, que experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões; que foram apedrejados e serrados, os quais deram testemunho através de sua fé.

Desta forma, há concordância também com o que precede no capítulo 12, onde o autor exorta os cristãos hebreus a seguirem os passos daquela vasta nuvem de testemunhas, lembrando-os que eles ainda não haviam resistido até o sangue e exortando-os ao exercício da paciência em meio ao sofrimento, graça fundamental que ainda estava em falta.

Agora, isto se coloca como um motivo para o cultivo de tão heróica fé. Uma fé de tal maneira familiarizada com a idéia de dificuldade, que poderia, sem diminuir, enfrentar a crise do martírio como um assunto natural em seu curso. É com um pensamento de cultivo desta fé que o autor diz aos seus leitores: “Jesus Cristo é o mesmo hoje, ontem e para sempre.” Isto significa, antes de tudo, que a mesma graça daqueles que pregaram a vocês as palavras de Deus, que não somente resignadamente, mas também de maneira alegre e triunfante entregaram suas vidas – esta mesma graça está a disposição de vocês.

Se, como alguns escritores modernos pensam, a epístola foi escrita para um grupo de cristãos da cidade de Roma, ela poderia ser uma referência ao martírio de Paulo, e possivelmente de Pedro (ao menos se a frase “que vos falaram as palavras de Deus” não seja entendida como a primeira pregação do evangelho).

Naquele caso, o lembrete surgiria com uma peculiar força e riqueza de associação, uma vez que significaria, de maneira resumida: lembrem-se de que o Cristo, em cuja força os grandes líderes apostólicos lutaram suas batalhas e ganharam suas coroas, continua o mesmo hoje, e que também pode animá-los a atingir uma igualmente gloriosa e triunfante bravura em suas batalhas contra o mundo.

Mas seja como for, mesmo que os seus antigos líderes não tenham sido tão ilustres quanto Pedro e Paulo, de qualquer forma, o apelo à imutabilidade de Cristo ainda teria grande força em sua conexão. E nos dá discernimento da condição espiritual dos cristãos hebreus para os quais a epístola é endereçada.

É evidente que após o entusiasmo inicial dos primeiros dias de profissão de fé cristã destes crentes, seguiu-se um período de reação, no qual o seu zelo começara a decair; sua coragem começara a minguar; sua esperança diminuía, uma vez que eles haviam perdido a força da fé que os mantivera nos mesmos lugares altos do início de sua caminhada.

Por toda a epístola podemos sentir que foi isto que encheu o autor de preocupação, uma vez que ele possuía discernimento de que isto não era meramente um sintoma de um deplorável retrocesso em suas realizações cristãs, mas sim, por observar aí uma predição da apostasia.

Era verdade àquela época, assim como é hoje, que estritamente falando, não há como permanecer parado em nossa vida espiritual; precisamente pelo fato de que se trata aqui de vida – algo crescente, em desenvolvimento constante – e o seu progresso é algo de sua própria essência.

A suspensão deste processo denota que algo está errado, que um declínio se estabeleceu, o qual, não parado a tempo, pode ser fatal. Não existe Cristianismo imóvel. Somente a aparência externa de cristianismo que pode parecer imóvel – interiormente, as forças e processos estão sempre trabalhando, em uma, ou outra direção.

Quão apropriado, portanto, se torna para o autor, em seu estado de abatimento e depressão, desenrolar perante eles não somente os anais da história do Antigo Testamento, em cuja fé, brilha de forma total; não meramente demonstrar perante eles o exemplo de seus antigos mestres ou seus passados nobres, mas acima de tudo, apontar a Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre, uma vez que é a fé nEle que deveria encorajá-los sobre todo perigo de flutuação, trazendo suas almas oscilantes de volta à mesma força e coragem que já havia os pertencido outrora.

E talvez deva haver um elemento específico em seu desânimo espiritual que torna a referência à imutabilidade de Cristo ainda mais pertinente do que já tem sido indicado. É muito provável que eles tivessem sentido, de maneira profunda, a perda daqueles líderes que vieram antes deles e que foram, perante os leitores e o mundo, exemplos vivos do ideal cristão, comunicando a eles algo de sua própria fé, atraindo-os para a sua mesma coragem e alegria no crer.

Mas agora, estes pais em Cristo haviam partido, e eles foram forçados a depender tão somente de suas próprias fontes espirituais e, tomados pela desconfiança de si mesmos, não souberam para onde se voltar, em busca daquela inspiração e orientação das quais haviam se tornados tão dependentes.

Também por esta razão o autor os lembra que, apesar dos homens poderem ir e vir; que enquanto o suporte humano sobre o qual a fé muitas vezes se apóia é, por sua própria natureza, transitória, apesar disso tudo, Jesus Cristo permanece com sua igreja, através de todas as mudanças e vicissitudes do tempo, o mesmo ontem, hoje e eternamente, sempre acessível. Sendo, independente das condições, confiável, o próprio objeto de fé, a única fonte segura de confiança, uma vez que Ele mesmo é a eterna certeza sobre a qual a fé necessita repousar.

## **A Imutabilidade de Cristo**

Esta é uma verdade sobre a qual podemos descansar tranquilamente, especialmente na presente época da história da igreja. É fácil em nossos dias sentir que o povo de Deus está, mais do que nunca, sem a presença de grandes líderes, como alguns conhecidos pelas gerações passadas, homens de Deus excepcionais, que pelo extraordinário poder de sua fé, e pelo poder de seus discursos, reuniam em sua volta o exército dos crentes, inspirando-os com nova coragem, e prevenindo o inimigo de obter vantagem sobre eles.

Contudo, caso não agrade a Deus a idéia de levantar tais homens no presente, ou se o agrada, em Sua sabedoria, tirá-los de nós, não deveríamos novamente ser tentados por isso à descrença e ao desânimo.

Devemos nos lembrar da verdade a qual o autor relembra aos seus leitores – que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, que mesmo quando seu povo simples parecer mais destituído de liderança, os maiores líderes sempre estarão lá. Por nenhum momento ele deixa o leme, ou abandona, seja um simples crente, seja a igreja como um todo, à deriva, nas ondas do mundo.

Talvez isto nos explique o porquê do autor ter utilizado as duas preposições juntas, sem uma partícula de conexão. Primeiro: “Lembrai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver.” E depois: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.” A correta disposição de mente é, ao mesmo tempo, honrar e apreciar todos os dons e graças que Deus tem concedido a homens eminentes, a serviço da Igreja, para honrá-los, especialmente por intermédio da sua imitação, lançando a âncora da nossa fé no futuro do Reino de Deus no mundo na própria pessoa de Jesus Cristo: lembrando-se dos homens do passado, mas confiando somente nele, o qual tem o poder da vida eterna e permanece em um presente interminável.

## **A Imutabilidade do Filho de Deus**

Tal então parece ser o significado primário das palavras, como determinado pela conexão. Mas não podemos nos esquecer que por trás destas palavras se encontra todo o ensino peculiar da epístola acerca do respeito à pessoa e obra de Cristo. E isto ocorre somente porque o autor supõe que seus leitores já tivessem assimilado a essência de sua explanação, esperando que seu apelo fosse persuasivo em relação aos seus destinatários.

Eles iriam entender que Jesus Cristo necessita de fato ser o mesmo ontem, hoje e para sempre porque eles se lembraram de quem Ele era, e em quais termos ele tinha sido descrito por meio de quase toda a epístola. Ele era o Filho de Deus, o esplendor da glória divina, a expressão exata do ser de Deus. A Ele o autor havia aplicado as palavras do Salmo 102: “Porém tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim. Os filhos dos teus servos continuarão, e a sua semente ficará firmada perante ti. (vv. 26, 27).)

A Ele, então, pertence o atributo da imutabilidade, o qual é inerente à própria concepção de divindade. De fato, as várias formas de palavras – o mesmo ontem, hoje e para sempre – nos lembra de maneira vívida a sublime descrição que o livro de Apocalipse dá do próprio Deus como aquele que é, que era e que será, preenchendo com seu ser todas as categorias possíveis de tempo, uma vez que é eterno; e também nos relembra daquela não menos sublime descrição, a qual encontramos no mesmo livro, de ambos, Deus e Cristo, como sendo o Alfa e Ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim.

Por toda a epístola, Cristo pertence ao mundo celestial, no qual tudo carrega o caráter de imutável, permanente. A este respeito, o ensino da epístola permanece muito próximo daquele a nós ministrado pelo próprio Senhor, sobre si mesmo, no quarto evangelho, onde a ênfase continuamente colocada neste fato – de que Jesus vem do alto, e não de baixo, e como conseqüência, ele se mantém livre de todos os relativismos, imperfeições e vicissitudes que necessariamente pertencem a tudo aquilo que possui uma natureza terrena. Cristo é a verdade, a realidade do Deus encarnado e, portanto, podemos sustentar com ele o mesmo relacionamento, endereçar a ele a mesma religiosidade que temos com o próprio Deus.

Neste momento, isto não é apenas uma mera especulação da epístola, tão pequena quanto é uma mera especulação do ensino de João sobre Deus. Quanto a nós, devemos observar, em segundo lugar, que toda a belíssima representação que o autor nos dá da obra redentora de Cristo, tanto como profeta quanto Sumo Sacerdote, é a conseqüência direta desta concepção de Cristo como uma pessoa eterna e divina. Se retirarmos isto, deixaremos de fora todo o pensamento preocupado com a figura de Cristo como o Salvador, não apenas porque seria impossível a nossa aproximação junto a Ele em espírito religioso, fossem seus atribuídos subtraídos dele, mas tanto mais por ser impossível a ele se aproximar de nós, nos cercando, iluminando e expiando para nós, nos trazendo de volta a Deus se Ele não houvesse enraizado a sua própria vida no solo da divindade e da eternidade.

Não há um só escrito em todo o Novo Testamento que ensine, de maneira tão enfática, a absoluta necessidade da natureza divina de Cristo para a obra de redenção como a epístola aos Hebreus. Ele é o clímax de toda a



profecia, uma vez que é o Filho, que não fala a verdade de uma maneira limitada, ou em uma porção, como viera aos pais, pelos profetas, mas que a diz ecoando a voz do próprio Deus, e então, o fala a todos os tempos, pelo qual nós podemos dizer, não somente dele, mas de seu discurso – é o mesmo ontem, hoje e para sempre, o mesmo em autoridade e em frescor, o mesmo poder vital, como o que primeiro ressoou por toda a eternidade.

### **Um Sacerdício Imutável**

E o mesmo é igualmente a mais literal verdade de sua obra sacerdotal. No que também temos de reconhecer a impressão do que ele é. O conjunto completo da epístola é repleto deste pensamento. Não é necessário indicar mais do que as principais linhas pela qual esta profunda e esplêndida exposição do sacerdício de Cristo se coloca. O tema central a partir do qual o autor começa e para o qual ele retorna é: ele é um sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque. E o que isso significa é-nos mostrado como um tipo. Quando Melquisedeque surge nas Escrituras como um sacerdote sem nenhuma derivação ancestral, ou sem antecessores no cargo, mas somente mediante a sua própria personalidade real, isto ocorre somente pela inspiração, feito como o Filho de Deus, o qual ele deveria prefigurar.

Cristo qualifica o seu sacerdício a partir da sua natureza divina, assim como por sua natureza humana, uma vez que não possuindo começo de dias, e tampouco fim de vida, ele continua a ser um sacerdote para sempre. Ele tem o seu sacerdício imutável, pois o poder de uma vida eterna existe nele mesmo. Ele transcende e revoga, por seu ministério, o sacerdício levítico, porque ele, a pessoa imortal, assumiu todas as suas funções e prerrogativas em um sentido infinitamente superior. Através do Espírito eterno, ele ofereceu-se sem defeito a Deus e, por isso, aperfeiçoou para sempre, por um só sacrifício, todos aqueles que são santificados. Por último, sua eternidade e sacerdício são vistos mais estreitamente unidos nisto: no fato de que a parte principal da quitação das suas funções sacerdotais ocorre, de acordo com a nossa epístola, no céu, onde ele ministra no seu estado glorificado.

Os dois são tão inseparáveis que o autor simplesmente diz: “Se estivesse na Terra, ele não seria um sacerdote de forma alguma”. Mas estando no céu, ele é o sacerdote, e seu estado sacerdotal partilha da imutabilidade que é a lei suprema deste mundo celestial. Ele é um sacerdote sobre o seu trono (para usar uma expressão Antigo Testamento) e seu trono, como vimos, permanece eternamente, desde que se encontra à destra do trono do próprio Deus. Mesmo quando o seu trabalho sacerdotal, no sentido específico da aplicação da sua redenção, tiver cessado, quando já não será necessário para ele fazer intercessão ou invocar o seu mérito para nós, uma vez que o pecado,

e todas as suas conseqüências, já tiver sido removido - mesmo assim ele continuará a ser o eterno Sumo Sacerdote da humanidade, oferecendo a Deus, em união, a adoração e o louvor da raça redimida da qual ele é o cabeça.

## **Um Salvador Compassivo**

É necessário manter isto em mente porque muitas vezes enfatizamos o outro lado em demasia. É inquestionável que sua experiência terrena como um fraco e limitado homem de dores era necessária para qualificá-lo para seu ofício. Sem isto, ele não poderia ter o conhecimento experimental de nossas tentações e a compaixão, a segurança da qual nos é tão preciosa e consoladora nos tempos de provações e aflições. Mas não nos esqueçamos, irmãos, que está muito longe da idéia do autor entender a sua compassividade como que trabalhando por nós de uma forma meramente subjetiva, assim como a compaixão de uma pessoa que nos ajuda, apesar dela não poder fazer nada mais de que expressar um sentimento de companheirismo em relação às nossas enfermidades. Não! A simpatia de Cristo trabalha junto a nós com todas as suas infinitas fontes, as quais são colocadas a nossa disposição pela sua divina natureza e pela sua humanidade gloriosa.

É a compaixão de uma pessoa que é a mesma ontem, hoje e para sempre; de alguém que se lembra, de uma maneira que somente uma natureza humana absolutamente perfeita poderia se lembrar, de tudo aquilo pelo qual passou na Terra, enquanto orava e suplicava com copioso pranto e lágrimas. É a compaixão de alguém que não diferencia o sentir por nós e agir sobre nós, tendo-os como uma única coisa. De alguém que tem acesso a cada momento, a cada situação que o crente possa se encontrar, por maior a angústia ou a perplexidade que ela possa trazer, assim como a qualquer recôndito de nosso coração, do medo mais secreto, a mais silenciosa tristeza, os quais não podemos compartilhar com mais ninguém.

E depois, é a compaixão daquele que nunca se cansará de nossas queixas, uma vez que nele há uma fonte inesgotável de misericórdia, a qual é adequada para o consolo dos crentes de todas as eras, e é livremente derramada hoje assim como foi na era dos cristãos hebreus, pela simples razão de que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre, imutável nisto assim como em tudo o mais. É somente pela união do divino e do humano, dos aspectos temporais e eternos da atividade de Cristo por nós é que poderemos compreender a riqueza e o consolo que a leitura desta maravilhosa epístola se destina a nos fornecer.\*

---

\* Princeton Theological Seminary, Princeton, New Jersey - 7 de Janeiro de 1903; Pregado em 11 de Janeiro de 1903.